

CAPA NEGRA DE SAUDADE

ANTÓNIO SIMÃO

**CAPA
NEGRA
DE
SAUDADE**





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título - Capa Negra de Saudade

Autor - António Simão

Capa - EGO

Imagens da Capa e Contracapa - depositphotos©

Fotografoa do Autor - Cropless Photography©

Revisão de Texto - EGO

Paginação - EGO

Edição - EGO

1ª Edição - Dezembro 2016, Lisboa

ISBN - 978-1541092037

“Para compreender, destruí-me.”

Bernardo Soares

©2016, António Simão e EGO Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

CAPÍTULO I

Fomos para o quarto e fizemos amor. Primeiro devagar, com os movimentos medidos e controlados, apreciando cada curva, cada fechar de olhos, cada trinca no lábio e cada gemido. Um *soul*. Depois, ligámos o amplificador e o *rock'n roll* invadiu os nossos corpos e a cama tremeu. Atitude descontrolada, rápida, forte e incisiva. Ficámos no meio da tempestade ao sabor das ancas, dos braços e da força das pernas. Quando acabou, senti-me completamente destruído. Ela destruiu-me mas depois de alguns minutos a olhar para as marcas que tinha no teto, olhei para ela ainda ofegante e abracei-a. Olhei-a nos olhos e aí ela sorriu e construiu-me de novo.

– Amo-te.

Eu não respondi. Sorri apenas, deitei a cabeça e adormeci.

O dia seguinte era domingo e Helena voltava para Lisboa. O desgaste emocional associado a uma relação à distância reside no facto de termos de dizer um adeus de médio grau demasiadas vezes. Nunca definitivo, mas nunca imediatamente reconfortado. A segunda-feira era o pior dia. Era insuportável o sentimento de solidão incessante, uma parte de mim não estava ali e, embora se aprendesse a lidar, nunca desaparecia. O fim de semana era o oásis no meio do deserto dos outros dias e eu bebia todo o amor, toda a paixão, conforto e carinho que conseguisse, ficava embriagado de amor e a seguir vinha a ressaca. A intimidade criada era muita

e parecia mesmo que faltava qualquer parte de mim. A ressaca do amor era mais forte à segunda-feira, mas ao longo da semana desaparecia para depois eu me embriagar novamente no fim de semana e ter outra vez a ressaca.

- Não fiques triste.
- Vou ficar só um bocadinho e depois paro.
- És lindo.

Depois desligava. Trocámos demasiadas vezes estas palavras em demasiados telefonemas deste género. Certa vez, em conversa, tentámos decidir qual o melhor e pior momento da semana e ela disse-me:

– Eu gosto quando nos voltamos a ver na sexta-feira. É tão bom voltar aos teus braços.

– Não. O melhor é no momento imediatamente antes de nos apercebermos que já é hora de te ires embora. Ou de eu me ir embora.

– Sêrio?

– Vamos contruindo uma intimidade grande ao longo do fim de semana que se vai desconstruindo ao longo da semana. O pico máximo é nesse exato momento. É como se imaginares uma bola lançada verticalmente. Quando atinge a altura máxima antes de cair.

– Física? – perguntou ela com um sorriso de troça.

– É pouco romântico?

A Helena era uma mulher perfeita. O todo de que era composta, era perfeito. Os defeitos das mulheres definem-na como um ser individual e fazem parte do que nos leva a gostar delas. Eram esses defeitos que contribuía para um todo que eu gostava e achava perfeito. Era bonita, mas não era uma boneca. Não se esforçava muito para o ser. Pelo menos numa base diária. A sua beleza vinha não só dos traços aquilinos, mas dos seus trejeitos de boca e do resto da cara. Eram aquelas imperfeições que lhe davam graça. Era realmente engraçada de uma maneira infantil, mas não tinha medo de o ser. Isso era atraente. Para resumir tinha qualquer coisa. Sobretudo nos olhos enormes e verdes, os mais bonitos que já tivera o prazer de olhar tão profundamente e de conhecer tão detalhadamente. E era também nas covas da cara, que o seu sorriso provocava, que estava enterrada a minha paixão por ela. Tinha emagrecido nos últimos tempos.

Tinha a capacidade de mostrar interesse pelos mais diversos assuntos e extravagantes fantasias da minha cabeça rapidamente respondendo com um qualquer comentário inteligente que me deixava horas a pensar depois dos minutos que ficava a admirar. Boa situação profissional. Bons valores morais. Boa dona de casa. A minha melhor amiga. Andava sempre com uma tábua ao peito com uma inscrição de letras que brilhavam de dia e de noite:

CASA-TE ESTÚPIDO
NÃO FAÇAS MERDA E APROVEITA

Eu podia não ter muita experiência nas relações deste calibre, desta seriedade e sou bastante burro, ou distraído se preferirem, no que toca a mulheres, mas neste caso era difícil não perceber. É claro que agora, falar é fácil. Gostava muito da Helena mas estava demasiado agarrado à ideia que fiz dela. Idealizei-a como a companheira perfeita, que infelizmente acabei por conhecer demasiado cedo na minha vida. Não estava preparado para assumir um compromisso tal, que me obrigasse a um desgaste emocional daquela dimensão. Era uma verdadeira montanha-russa sentimental que eu sentia que estava a viver. Ou então não queria fazer o esforço, já que me encontrava perante um dilema e eu sou tão mau com dilemas. Por um lado, estava na faculdade no meu pico áureo de charme e boa disposição, que parecia atrair imenso o sexo feminino, coisa que até há bem pouco tempo não fazia ideia do que era. Logo agora que todo este mundo se abria para mim, aparecia também a companheira perfeita que eu não queria de maneira alguma perder. Fornicar ou não fornicar, eis a questão. Deu merda e, quando mais uma vez me despedi de Helena antes de a ver partir naquele autocarro, que esperávamos sentados na paragem abraçados, nesse domingo ventoso de outono colorido, pesava já na minha consciência a culpa da traição. Eu dividia o meu tempo entre Coimbra e Lisboa, embora nenhuma das cidades me fizesse sentir em casa. Por um lado, Coimbra, cidade fantástica onde eu conhecera a Helena e tantas outras personagens e situações importantes para a minha pequena emancipação psicológica, mas que eu via como apenas uma passagem tempo-

rária. Por outro Lisboa, o sítio de onde eu tinha fugido dois anos antes, deixando para trás os meus pais, amigos, umas quantas desilusões e onde a Helena, naquela altura, vivia e trabalhava. Contudo, durante aquele outono, Coimbra quase me convenceu.

Até mesmo o maior conhecedor da mais bela arquitetura contida nos imensos exemplos de ruas e avenidas deste Portugal e Europa, deveria pelo menos uma vez na vida observar a Avenida Dias da Silva, em toda a sua extensão, durante o outono. Percorrê-la e não saber em que direção fixar o olhar, voltar a percorrê-la ainda algumas vezes enquanto de cada vez que o faz, decide se analisa as casas ou as árvores ou todo o conjunto. De dia, a luz do sol confunde-se por entre o luzir das árvores amarelas, laranjas, castanhas e vermelhas até que chega o pôr-do-sol e a avenida toma nessa altura um tom avermelhado que é refletido pelas pedras húmidas da calçada. Com sorte, pode-se juntar a este quadro o trote dos cavalos da GNR na sua patrulha. O sol a esconder-se nas casas e o som dos cavalos brancos na calçada, que espalham admiração e curiosidade e sorrisos a todos desde o mais pequeno ao mais velho, visto de uma esplanada, bebendo café e saboreando um cigarro, dão alento até aos dias mais difíceis. Que privilégio. De cada lado da rua, as propriedades são todas bonitas e todas diferentes. Estilo Estado Novo, sobretudo. Umhas maiores, outras mais antigas, mas no conjunto formam uma mão formidável. De noite, as luzes que agitam o silêncio conferem-lhe novas tonalidades, mais amareladas. E ninguém pode passar e não olhar para o céu e ver todos os contrastes formados pela luz amarela, pelas estrelas e pelo azul que em uníssono vão mantendo no tempo certo, o cair das ainda persistentes folhas de outono que fazem o chão rivalizar com o céu em beleza e padrões. De dia e de noite. Ninguém se sente fora daquela beleza tranquila. Ninguém se sente fora daquela sinfonia brilhante e extenuante. Não conheço guias turísticos da cidade, mas a verdade é que nem sempre estes têm em atenção ao ciclo do Sol, quando fazem as recomendações. Nem aos molhos de folhas que se juntam nos passeios.

Voltei para trás em direção a casa, enquanto ao longe ia ficando a paragem infestada com os nossos cheiros e fui refletindo sobre alguns assuntos já sozinhos como eu. Sentia-me culpado, que é um sentimento

difícil de lidar e pouco compreendido porque raramente é tido em conta o ponto de vista do culpado. De qualquer forma, as aulas tinham começado recentemente. Era normal, no meio daquela euforia inicial académica, que este tipo de situações ocorressem. Achava eu, mas sem ter grande certeza. Tínhamos passado um bom fim de semana, pelo menos nos moldes a que eu estava habituado, a que nos habituámos um ao outro. Por isto, devia ser mais uma crise da minha paranoia e portanto em princípio estaria tudo bem. Estava perto de casa. Continuava vazia como quando a deixei havia pouco. Acendi um cigarro e reparei que era o último, quando me encostei ao parapeito da janela da cozinha, que abri com intenção de receber o ar. De cheirar o ar. Todas as cidades têm um cheiro distinto, impossível de descrever, convidativo a experimentar. Aquele ganhava tons mais melódicos com o outono e a chuva ainda fraca. Fiquei ali algum tempo a ver o fumo sair da minha boca e espalhar-se, enquanto tentava fazer aqueles aros de fumo. Não consegui.

Casa era um conjunto de divisões habitadas por quatro estudantes para a qual eu me tinha mudado recentemente aquando do início das aulas. Era a típica casa de estudantes, apartamento com três quartos, WC partilhado, cozinha e a sala que fazia de quarto também, o que dificultava o convívio. Todos ligados entre si por um hall de entrada considerável com uma estante e TV e um sofá. Pouco ou nada decorado, com uma gravata preta académica pendurada por um prego. O meu quarto era feito do habitual. Pequeno, mas com uma cama de pessoa e meia que me agradou bastante. Um guarda-fatos bastante satisfatório e algumas estantes a condizerem com a secretária vazia. Muita roupa pelo chão. Ainda não conhecia a senhoria, senão por telefone, mas ela pretendia marcar um encontro na semana seguinte.

Ligou-me alguns dias antes.

– Bolos e chá – disse ela.

– Charutos e conhaque. Eu levo os charutos – contrapropus e pude ouvir um riso nervoso.

– Pode ser, pode ser. Fica combinado.

Os meus companheiros, que ainda não conhecia bem, eram todos estudantes em faculdades próximas, embora dois deles estivessem em vias

de terminar o seu percurso académico e, como tal, passavam pouco tempo em Coimbra e em casa. Durante o período em que lá estive instalado, privei pouco com eles, exceto com o António. Conheci-o pela primeira vez num domingo em que a minha paz temperada de ar fresco noturno, igual àquela mesma noite, foi invadida por uma verdadeira tempestade de estados. Refiro-me à entrada deste companheiro em casa. Pousou as malas e do hall que dava para a sala onde me encontrava. Olhou para mim e disse-me levantando ligeiramente a cabeça num gesto de confiança:

– Então, ‘tá-se bem?

– Boa noite. Santiago. – E apertei-lhe a mão.

– António. Demónio às vezes. – E com isto soltou a gargalhada mais genuína que já ouvi. Não achei graça à piada, mas a gargalhada contagiou-me.

– Estás sozinho?

– Acho que somos os primeiros.

Olhou para os armários e soltou alguns palavrões. Entrou no quarto dele e ao longe ouvi mais linguagem poética enquanto tentava equilibrar o corpo por ter tropeçado nas malas. Depois foi à casa de banho e ouviram-se para além de objetos a cair, imaginem, mais palavrões. Fiquei boquiaberto sem saber se devia rir ou ajudá-lo. Que personagem.

– És de onde? – perguntei com segundas intenções.

– Sou do Porto, maluco, e tu?

Não gosto de estereótipos, mas tinha que admitir. Era desastrado e nervoso, tão depressa se queixava da vida, como esboçava um sorriso branco e enorme que caía bem com os olhos azuis e contrastava com o cabelo negro. Camisa dentro do *pullover*, calças de ganga e ténis azuis. Era descontraído com classe, e eu gostei. Tinha a estranha característica de conseguir mudar de opinião de um momento para o outro, sem ninguém lhe dizer nada e sem dizer nada a ninguém.

Dessa vez, apenas deixou as malas, conversámos um pouco e foi embora. Disse que voltava na próxima semana. Soube com alguma surpresa que estudávamos na mesma faculdade pois nunca o tinha visto.

– Vou pouco às aulas. Sou um autodidata – assegurou-me.

A minha interação com ele resumia-se portanto a este primeiro e apressado encontro. Apaguei o cigarro enquanto me lembrava dele. Fui

até ao quarto e deitei-me. Estava exausto devido ao tratamento da Helena e pensei nela. Senti a melancolia a surgir e lembrei-me que no dia seguinte seria segunda-feira e teria de enfrentar a ressaca do amor. Pus alguma música a tocar e adormeci antes de poder ouvir o final dos Nocturnos de Chopin.

Levantei-me relativamente cedo, perto do meio-dia. Fui acordado pelo som do toque do telemóvel, era o Ricardo, um amigo, o meu centro de chamadas habitual e despertador ocasional que, na verdade, tinha era um bom tarifário de telemóvel. Vesti a camisa azul escura, que me dava alguma pinta, e as calças de ganga habituais que contrastavam com o castanho das botas que tinham sido engraxadas há pouco tempo, mas que não iriam durar muito assim. Comi qualquer coisa e bebi um café feito por mim, estava mau. Raramente consigo acertar nas quantidades do café e acabo sempre por achar que não devia comprar o café solúvel, mas adiei esse pensamento. Peguei nas chaves e nos vários cartões que me inundam os bolsos, embora nenhum fosse aquele *American Express Platinum* que eu na brincadeira gosto de dizer que tenho, quando alguém repara no todo dos cartões. Reparei que no bolso de trás das calças estava o meu horário das aulas, era como que um reflexo da minha vida, uma folha rasgada de um caderno velho, cheio de rabiscos e falta de organização, ilegível quase, exceto pelos números. O canto inferior esquerdo estava rasgado e apercebi-me que era o meu único material de estudo. Aquele horário. Mais tarde arranjei um multidisciplinar, ou seja, o caderno que se leva para todas as aulas para depois se passar a limpo os apontamentos. Nunca passei a limpo os meus apontamentos em dois anos e algumas semanas de Coimbra, mas tinha noção que era essa a ideia, passar a limpo. Não me enganava a mim próprio. Era preguiçoso e irresponsável. Muitas vezes o cargo de multidisciplinar passava a ser ocupado por uma só folha que eventualmente acabava por perder e muitas outras vezes, simplesmente, pedia uma folha emprestada a alguém, nos dias mais turbulentos de ressaca. Ainda assim, encontrava-me finalista do curso. Algumas pessoas viam como empenho e eu via simplesmente como acontecimento fadado. O Ensino Superior já estava farto de me aturar. Esta é a teoria que me parece mais credível. Aos 22 anos e depois de todas as faculdades

e cursos porque passei, o velho ensino decidiu que estava na minha hora da partida. Tinha de acontecer. Era naquele ano. E logo agora que eu estava a começar a ganhar-lhe o gosto. Não propriamente do ensino, mais da cidade. Mas para contrariar a teoria, sempre que chego a um ponto da vida em que sou obrigado a passar para a próxima fase, a sair da zona de conforto, começo a tentar sabotar-me a mim mesmo. Por medo de sair da zona, acho que é por medo, depois de algumas semanas de aulas com cinco cadeiras, tinha assistido apenas a aulas de duas dessas que eram obrigatórias com faltas. Acreditem, a cidade não ajuda.

Rapidamente contornei a situação a uma delas aplicando sobre mim mesmo o direito de pedir o estatuto extraordinário de estudante devido ao meu “cargo na direção da Tuna da Faculdade, que me impede de assistir regularmente às aulas”. O professor achou bem e eu estava isento de assistir.

Saí e encontrei-me com o Ricardo à porta da faculdade que ficava a cinco minutos de casa. Por ali, imperava um cheiro de alívio nervoso. Como que a antever o recomeço das aulas e a perceção ingrata da pequenez da pausa do almoço.

– Preciso da tua máquina da barba – disse-lhe

– Bom dia. Como está o senhor? – Esticou-me a mão com vigor.

– Bem, obrigado. Já almoçou o cavalheiro?

– Olhe já sim. Que me diz a um café?

– Aceito. Preferes imbecil ou parvalhão?

– Irónico – respondeu ele com o dedo indicador em riste e agitando-o de cima para baixo. O Ricardo era um rapaz alto e moreno. Magro mas atlético. Tinha um ar calmo e confiante e a característica que eu mais gostava nele era sobretudo a paz com que abraçava a vida. Invejava isso, até. Amável e compreensivo, embora com um humor que frequentemente caía no sarcasmo e quase sempre ficava na ironia. Partilhava comigo o gosto pela música e em geral pelo pensamento livre. Vinha de uma terra junto ao mar que, segundo ele, lhe ensinou muitas coisas e eu gostava de o ouvir. Mas na arte de ouvir era excepcionalmente melhor do que eu. Mais novo do que eu, mas não se notava e isso devia-se tanto ao meu ar jovem quanto ao seu espírito e pensamento.

Lá estava ela. A esplanada do café que tantas horas me tirou e outras tantas me ofereceu, embora o saldo fosse negativo. Lá estava o empregado que nesta altura sabia exatamente como eu gostava de tomar o café e que me permitia a mim saber quanto tempo tinha até saldar o consumo fiado.

– Então jantas comigo e depois vamos ter com eles. Compramos umas pizzas e umas garrafas. Duas.

– Pode ser. Vais ter aulas agora?

– Agora vou almoçar que foi para isso que saí de casa. E tu?

– Vou agora. Depois liga. Até logo.

Nessa terça-feira a noite prometia. Quando voltei a casa ainda o sol não se tinha posto e o céu estava bonito de vermelho e azul traçado a branco pelas nuvens dispersas. Entrei e deparei-me com o António muito atarefado com qualquer problema relacionado com o recetor da televisão. À maneira habitual dele, deixou o aparelho cair várias vezes soltando palavras de desagrado, verdadeiras sílabas no seu discurso, apanhando novamente e dando novo ânimo ao ciclo infinito de stress.

– Viste o papel da companhia?

– Da net?

– Sim. Estamos sem net. Já tentei ligar à senhoria mas ela não atende, aquela cabra.

– Não, não vi. Conheces? A senhoria?

– Mandou-me mensagem para me encontrar com ela p’ra semana. Só falei com ela por telefone. Foda-se. Mas onde é que está o papel, caralho?

– É este? Já tentaste reiniciar?

– Deixa ver. É este. Foda-se, onde é que estava?

– Aqui em cima. Olha, hoje alinhas num jantar aqui em casa e depois copos? Convidei um colega.

Quando as garrafas, as quatro afinal, acabaram, demos por encerrado o jantar e fomos andando em direção à Praça da República para nos encontrarmos com mais alguns amigos. Ricardo já estava familiarizado com o meu colega de casa. Desde o início que se deram lindamente. Enquanto um falava da maneira que lhe era característica, o outro ouvia e ria-se. Depois o que falava começava a rir-se também. A relação baseava-se nes-

ta premissa. Pelo meio discutiam o futebol. A Primeira Liga, o Sporting, o Porto, as contratações. Fui aprendendo vários termos técnicos que assimidamente não dominava e ainda hoje temo que não domine. “Gosto mais de o ver encostado à linha”. “Rotinas. Precisamos é de rotinas de jogo”. Dão jeito estas cartas. De vez em quando, lançá-las para a mesa, mesmo sem contexto nenhum, interessava-me do ponto de vista do cómico. Do irritar o outro.

Quando chegámos à Praça da República, os círculos que pintam a calçada da praça estavam cheios de capas e batinas e caloiros sentados no chão. Havia gritos, canções e hinos entoados em nome de um curso ou faculdade, em que o caloiro que cantasse mais alto, entre eles, era campeão. Por esta altura, ainda assombravam a praxe alguns fantasmas de anos anteriores. A Praxe, esse monstro. De minha parte, foi sempre pouco alimentado no que toca ao exibicionismo floreado e bastante farto no que toca ao respeito e integração. Sempre tentei que fosse assim. Sempre tentei levar a coisa pouco a sério. Brincar à integração como eu gostava de chamar.

Aquela praça iluminada pelos candeeiros incandescentes de propícias condições. Os edifícios que a rodeiam vindos diretamente do séc. XIX com passagem pelos mais recentes anos 60, em espírito e em arquitetura. As cores dos prédios, que pareciam ter sido pintadas aleatoriamente, vermelho, branco, laranja. Os “portões” do Jardim da Sereia, com as duas torres convidativas de telhas pretas e vermelhas, toda a ornamentação que compunha os três arcos e as colunas que os seguravam, as imagens angelicais. Aquele candeeiro pendente. Aquele candeeiro brilhante como farol no mar de tempestades, ondas e ventos que levam as capas como velas a boiarem pelos bares e discotecas, da noite de Coimbra. O coração daquela cidade ou pelo menos daquela noite, recebendo sangue novo e expulsando o sangue velho das suas várias artérias que lhe chegam sempre a correr. As árvores que começavam a despir-se camuflavam os carros estacionados e o frenesim dos táxis que, dentro de algumas horas estaria prestes a começar. Daí para a Associação Académica de Coimbra, instituição de valor comparável ao Sistema Nacional de Saúde, instituição dos valores, da revolução, do espírito mais puro da juventude académica,

do acreditar na mudança. Que não muda. Ou cada vez muda menos ou muda para trás.

Encontrámos os restantes elementos da equipa a formar-se aí na Associação, nos jardins. A música já encadeava os ouvidos e o vinho subia-me à cabeça de forma cada vez mais descontrolada. A respiração começava a tornar-se mais intensa, mais pesada. Tentar permanecer parado e em pé por demasiado tempo parecia impossível.

Pude ver finalmente o demónio que o António encerrava. Quando chegámos, pagou uma rodada de *shots*. Absinto. Gostei de sentir aquele veneno inflamado escorrer-me pela garganta. Enrolei um cigarro. A partir daquele momento, a noite não mais seria a mesma. Foi o disparar da arma previamente carregada. Depois disso, vi o Ricardo a jogar matraquilhos com o Samuel e o Fausto e mais um cavalheiro desconhecido, enquanto íamos todos rodando a cabeça pelo fumo intoxicante da canábis. Pedimos um fino. Enrolei um cigarro. Vi o António a propor sexo a três a vários grupos de raparigas, enquanto nos ríamos. Encostados ao balcão, entoando canções de amizade e brindes de saudade, o empregado ia passando de bandeja na mão e cada vez menos paciente, dizia:

– Deixem passar. Têm de sair daqui.

O António, num rasgo de teatralidade genial, subiu a uma coluna de som e vi o segurança a tirá-lo de lá. Dirigi-me para ao pé dele. Enrolei um cigarro. Vi-o a ser expulso dali depois de ter sido bofeteado e encharcado de vodka morango por um grupo mais feminista. Enrolei um cigarro. Tudo isto se passou muito rapidamente, pelo menos na minha noção temporal. Decidimos, e este decidimos é muito mas mesmo muito entre aspas, dirigir-nos a um bar na Padre António Vieira. Digo isto porque quer-me parecer que estas noites chegam a pontos em que os únicos agentes decisores são o álcool e a droga. Tudo o que vi, pareceu isso mesmo. Olhando para trás, parece que não participei.

Quando entrámos, mais uma lufada de ar quente, muito quente, suado. Enrolei um cigarro. Pedimos um fino e *shots*. O ambiente cheio da presença de tanta gente em verdadeira amálgama permitia a um observador mais atento explorar o comportamento dos estudantes, a maioria, pelas tabernas modernas. Os olhares trocados e ocasionalmente corres-

pondidos, as insinuações corporais a antever um qualquer convite mais sexual. A diversão que, por vezes, roça no ridículo da esfera humana, mas que no entanto existe e talvez seja isso o mais importante. Continuam os brindes confusos e pseudo-poéticos, continuam as manifestações de verdadeiros pavões em época de acasalamento que dura o ano inteiro e a música sempre presente como forma de incendiar o álcool nos corações mais envergonhados. Dançámos e bebemos até que uma inesperada onda de melancolia se abateu sobre mim.

Ali perto estava o António agarrado a uma rapariga a trocaram rios e rios de saliva. Ricardo fora acompanhar Samuel e Fausto numa excursão pelo ar fresco da rua. Demoravam-se. Eu estava apoiado no balcão com a rapariga que acompanhava a amiga do António a olhar para mim, a abanar as ancas ao som do ritmo angolano das colunas de som e eu só não queria era estar sozinho. Enrolei um cigarro. Agarrei-a e dancei. E dancei com a minha perna entre as pernas dela e dancei com a minha mão a desviar a cortina de cabelos da sua cara e dancei encostando os meus lábios no seu pescoço e dancei com os lábios molhados e a respiração quente até à sua orelha e finalmente dancei com a língua dentro da boca dela. Nessa altura, ela tremeu e colocou a minha mão no seio dela e riu-se à gargalhada, depois levou-me pela mão pela pista fora até uma porta que separava uma zona restrita a pessoal estranho ao serviço, entrámos de qualquer forma, ela encostou-se à parede e beijou-me enquanto me abraçava com a sua perna e me puxava contra ela. Passei a minha língua pelo pescoço e descí até ao peito. Tinha seios grandes e não hesitei em lambe-lhe os mamilos o melhor que podia, desviando o *soutien*.

– Badalhoco – disse-me, enquanto se ria e divertia com o meu desejo.

– Louca – respondi-lhe, enquanto via o brilho nos seus olhos, misto de álcool, desejo e adrenalina.

– Qu'ê que fazem aqui? Têm credencial? – Uma voz surgiu das minhas costas. Era um dos *bartenders*, visivelmente chocado e sem saber bem se nos expulsar ou sair dali a correr. Eu fiquei em choque maior que ele, mas a minha amiga tomou as rédeas da situação.

– Não – disse-lhe simplesmente com uma gargalhada enquanto o olhava nos olhos sem qualquer tipo de embaraço. Puxou-me pela mão dali

para fora, enquanto o rapaz soltava insultos e ameaças pelo ar quente. Eu gostei sobretudo desta dominância feminina que a minha amiga deitava nas ações e palavras sem qualquer pudor.

Por esta altura, o António tinha desaparecido e a amiga da minha amiga também. Com ele, supus. Não encontrei ninguém da minha equipa na rua. Então, levou-me até casa dela que ficava em Celas, perto da cruz. Perguntou-me se tinha preservativos e eu disse que não. Mais tarde, quando me encaminhava finalmente para minha casa, olhei para o telemóvel. Eram perto das 5h30 da manhã e o sol ainda não tinha nascido. Passavam àquela hora poucos carros, alguns táxis e pessoas em direção a casa ou a um qualquer *after-hours* que ali estivesse à espreita, nas ruas de Celas.

Tinha uma mensagem do Ricardo. “Fomos embora. Amanhã liga”. Tentei enrolar um cigarro mas já não tinha mais mortalhas. Sentei-me no monumento que serve de rotunda, exausto, de costas para a cruz de pedra. Pregado pela consciência e morto por todos os pecados que tinha cometido.

No dia seguinte, acordei tarde mas sem ressaca. Estava só um pouco lento de raciocínio e cheio de sede. Bebia café e comia restos da frigideira do jantar do dia anterior, quando a porta de casa se abriu e fechou num instante. Senti o cheiro do perfume da amiga do António, mas nem sinal dele. As suas ressacas eram geralmente complicadas e agudas. Dormi mais um pouco. Liguei ao Ricardo que já estava acordado. Tomei banho e saí em direção ao café. Precisava de falar com alguém. Na esplanada, podia ver a sombra do sol que ia já na fase descendente e encontrei o olhar do meu amigo atrás dos óculos de sol enquanto cofiava calmamente a pera e passava os dedos pelo ecrã do telemóvel com um prato vazio e recipientes de ketchup e maionese à sua frente.

– Ora, boa tarde. Essa ressaca? – perguntou-me ele.

– Do álcool ou da consciência?

Ele soltou uma gargalhada tranquila e perguntou-me pelo António.

– Sei lá. Deve estar a dormir. Quando acordei fui à cozinha e passado um bocado a amiga dele bazou.

– Que peça – riu-se de novo.

O empregado surgiu com um sorriso na cara de quem diz “eu sei o que é isso”.

– Um café, por favor, cheio.

– Só faça merda. – Olhei-o envergonhado e como que à espera de um veredito. – Não dizes nada?

– Estavas animado, ontem. Não gosto de julgar as pessoas. Tu é que devias pensar como te sentes.

– Culpado. Sem perceber muito bem porque é que faço estas coisas. O problema é que no meio disto sinto-me orgulhoso também.

Iam aparecendo alguns clientes na esplanada. Um rapaz avistado na noite anterior. Outros rapazes que as avistaram também, chegaram pouco depois e perante tais visões, pareciam envergonhados de parte a parte. Todos, mas uns conseguiam disfarçar o embaraço melhor do que outros.

– Orgulhoso?

– Sim, sei lá. Por ter atenção, por me sentir desejado. Estava lá ao balcão sem fazer nada, e olhei para o lado e vi o António ali com uma gaja. É pá... apeteceu-me estar também, sei lá. Para não estar sozinho. Vocês também desapareceram.

Chegou o café.

– Obrigado.

Chegavam-me aos ouvidos os pedidos dos outros. Maioria almoços rápidos que a ressaca só agora permitia ingerir. Lá se iam acumulando os óculos de sol. Não sei se para o sol que daqui a umas horas se punha, ou se para o embaraço da consciência que demoraria a pôr-se.

– Fomos fumar uns estupefacientes. Mas a culpa é nossa agora?

– Não... sei lá. – Fiz uma pausa. – Na sexta vou para Lisboa.

– Grande problema.

Apanhei o autocarro das 18h15 e cheguei a Sete Rios à hora do jantar. Lá estava ela de mala e sorriso na mão. Durante o resto da semana evitei falar-lhe. Senti-me mal quando naquele dia, depois daquela conversa com o Ricardo, recebi o telefonema dela à noite.

Não sei até que ponto sou um bom mentiroso.

– Foste sair ontem? Divertiste-te? Tenho muitas saudades tuas. Vens na sexta?

Mas o ser apanhado não era o problema maior. Aquelas palavras pesavam realmente em mim, faziam sentir-me como que a magoar alguém que eu admirava e respeitava e finalmente gostava. Que doença era esta que me impedia de ser honesto? Honesto comigo mesmo e com os outros. A minha incapacidade de decidir honestamente o caminho a seguir. Eu não estava preparado. Ainda por cima nessa quinta-feira ocorreu uma situação totalmente estranha e aleatória. Decidi ficar em casa a descansar, arrastando por um lado a ressaca de terça e tentando por outro poupar algum dinheiro. Saí com o António apenas para comprar tabaco. Quando cheguei à plataforma protegida por um toldo antes da porta de entrada do café do Sr. Morais não deviam passar muitos minutos das 21h, mas estava já um grupo de estudantes à porta completamente alcoolizados. Caloiros. Duas raparigas e outros três rapazes, todos estudantes da nossa faculdade. Uma delas olhou para mim com aqueles olhos brilhantes embriagados e sorriu. Eu disse um “boa noite” geral.

Entrámos e ela veio atrás de nós.

– Doutor, pague-me um fino.

– Não posso. É contra os meus valores.

– Ande lá. – E dito isto agarrou-se a mim e eu agarrei-a pela cintura porque ela não estava nas melhores capacidades de equilíbrio. O António ria-se enquanto falava com o Sr. Morais sobre a política nacional. Agarrou-se nas golas e puxou-me para ela, beijou-me e eu senti o toque agressivo da sua língua antes de a afastar.

– Aqui não. Para com isso – disse-lhe eu.

– Venha comigo.

– Não posso.

– Vais-me deixar assim?

– Desculpa.

O António pagou e saiu dali.

– Boa noite, Sr. Morais. – Eu fui atrás, mas ela não me largava.

– Deixe lá o rapaz – dizia o Morais com a sua barriga encostada por trás do balcão, braços cruzados e sorriso maroto.

A amiga chamou-a à razão e eu tentei ser o máximo delicado possível, mas ela não dava tréguas. Depois, com muita insistência, prometi-lhe

que ia ter com ela mais logo e perguntei-lhe se tinha o meu número para a tentar acalmar. Ela respondeu que sim, “de situações passadas”, e eu nunca tinha falado com ela sequer. Consegui sair dali por entre risos e gritos dos restantes elementos. O António, enquanto me acompanhava a casa, perguntou-me por que não a tinha “comido”. Eu respondi que era comprometido e ele soltou uma gargalhada. Era meio ridículo de facto. Hipócrita mesmo, mas estava sóbrio e pensava claramente.

Quando cheguei a casa, recebi um telefonema da Helena e não pude deixar de pensar em toda a ironia da vida, enquanto olhava para o ecrã do telemóvel. Estaria todo o mundo junto para me montar uma armadilha. Era um sexto sentido feminino que realmente existia, ou as coincidências eram apenas isso mesmo, coincidências? Não consegui falar com ela durante muito tempo e tentei despachá-la. Ela notou. Eu sabia que ela tinha notado, mas assegurei-lhe que amanhã ia ter com ela e que agora tinha um qualquer assunto a tratar. Não parava de pensar naquela semana. Neste interesse súbito do sexo feminino por mim. Tantas razões possíveis e eu sem saber como lidar com esta atenção. Mas gostava, claro que gostava. Paranoico. Durante a viagem troquei olhares com uma miúda que ia no assento à minha esquerda, e ouvi-a falar ao telemóvel.

– Ela comeu o melhor amigo do namorado...depois disse-me, eu vou pra casa com ele... eu disse-lhe, estás-te a passar? E ele vira-se, não te preocupes que amanhã eu levo-a a casa. Eu? Eu arranquei, fui p’ra minha casa.

Vivia no meio daquela lama há tanto tempo, mas pensava que ridículo que era só agora me aperceber que tinha o pé sujo. Só naquela altura é que percebi que realmente o ar cheirava mal.

Quando saí do autocarro, a Helena abraçou-me daquela forma carinhosa e apertada naturalmente apaixonada. Quando cheguei aos braços dela senti um misto de conforto e culpa insuportável. Fomos para casa. O fim de semana correu bastante bem e eu não pensei muito mais na minha infidelidade, até que chegou o domingo. Foi depois do almoço. Eu estava na sala deitado no sofá de casa de Helena e ela aproximou-se vinda do quarto muito silenciosa. Parou um pouco a olhar para mim. Começou a roer as unhas e depois foi embora. Um momento depois, voltou e sen-

tou-se ao meu lado, beijei-a no pescoço, mas ela ficou indiferente. Olhou para o chão durante alguns segundos e depois foi embora novamente. Queria dizer-me algo, mas não sabia como. Pensei nisto e fui ter com ela ao quarto onde a encontrei deitada na cama muito sossegada a olhar pela janela. Lá fora ouvia-se uma sirene estridente que corria para alguma tragédia acabada de acontecer. Ou talvez a prevê-la.

– Que se passa, linda? – perguntava isto enquanto passava a minha mão pela perna dela e me sentava na borda da cama.

– Não sei, diz-me tu.

– Estás estranha. Vais à sala, ficas a olhar o nada e depois vens para aqui sozinha. Passa-se alguma coisa? – E depois de prolongado silêncio e olhar penetrante lá arrancou:

– Se calhar és tu que andas estranho. Evitas-me... – Fez uma longa pausa e eu já sabia o que ela me queria dizer, mas só conseguia olhar pela janela fora.

– Tu andas a trair-me, Santiago?

CAPÍTULO II

- R**ecebi uma chamada.
- Alô alô. – Ouvi uma voz radiante do outro lado
 - Com'ê que vai o senhor?
 - Sempre em altas e tu?
 - Vamos andando. Cheguei agora a Coimbra.
 - Ah. Tristinho?
 - Sim. Não anda fácil isto.
 - Vou-t'animar.
 - Então?
 - Vou aí cravar-te o sofá.
 - Quando?
 - Na terça-feira.
 - Nesta?
 - Sim, há problema?
 - Não, bota. E o desemprego, está a tratar-te bem?

A falar comigo estava o Rodrigo que eu já não via há meses. O Rodrigo era um antigo estudante da Academia de Coimbra, um *alumni*, e um sempre renovado amigo. Vinha de Leiria. Mestre de muitas artes, sobretudo a do conselho, embora para infelicidade não só dele mas de todos os homens, não os soubesse dar a si próprio. Nem por isso perdiam o seu valor. Estava desempregado e voltava a Coimbra de maneira dife-